

aniki

Revista Portuguesa da Imagem em Movimento
Portuguese Journal of the Moving Image

Editorial v11n2

Sofia Sampaio

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

Rui Lopes

Instituto de História Contemporânea, NOVA-FCSH/IN2PAST

Arlindo Horta

CRIA/NOVA-FCSH

Patrícia Sequeira Brás

Universidade de Coimbra/ Ceis20

Tiago Fernandes

Instituto Politécnico de Bragança/ LabCom

Neste segundo número de 2024, o Conselho Editorial (CE) da *Aniki* despede-se. Foram quatro anos a trabalhar num projecto que procurou consolidar o percurso da *Aniki* como uma revista científica de qualidade e alcance internacional. A maior parte das mudanças ocorreram nos bastidores, a implementar e a reforçar as boas práticas editoriais que actualmente se exigem a este tipo de publicação. Um dos pilares da *Aniki* é, sem dúvida, o processo de avaliação ou arbitragem científica dos ensaios que recebemos. Como sinal de apreço por quem aceitou rever estes textos (e cumpriu esse compromisso) publicamos, agora, no sítio da revista, uma lista com os nomes dos revisores que, desde Julho de 2020, nos enviaram os seus pareceres, desse modo contribuindo para a selecção e a qualidade dos textos que viríamos a publicar nos oito números que se seguiram (do v8n1 ao v11n2).

Não é demais sublinhar a importância deste trabalho voluntário e altamente especializado, que deveria merecer maior atenção e reconhecimento por parte da comunidade académica. É com satisfação que registamos que um dos projectos que este CE lançou para debater assuntos do foro editorial como o da arbitragem científica – o Encontro de Editores de Revistas Académicas em Ciências Sociais e Humanas, que teve lugar na Biblioteca Nacional, em Lisboa, em Outubro de 2023 (veja-

Aniki vol. 11, n. 2 (2024): 1-4 | ISSN 2183-1750 | doi: 10.14591/aniki.v11n2.1101

Publicado pela AIM com o apoio do IHC, NOVA-FCSH. Financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020. © Autor(es).

se um breve resumo do evento em Sampaio et al. 2024) – vai contar com uma segunda edição, a cargo de Maria Assunção Gato, directora da revista *CIDADES, Comunidades e Territórios*. O novo encontro está agendado para Outubro deste ano e a *Aniki* já confirmou a sua presença. Como sempre, muito ficou por fazer. Caberá ao próximo Conselho Editorial aprofundar e levar tão longe quanto possível estes (e outros) projectos e objectivos. Deixamos, desde já, os nossos votos de felicidades e bom trabalho aos colegas que, em breve, assumirão essas funções.

O dossier temático deste número sobre o “mundo natural” no cinema foi organizado por José Bértolo (IELT/ NOVA FCSH), Maile Colbert (IFILNOVA/ NOVA FCSH), e Susana Mouzinho (IFILNOVA/ NOVA FCSH). Conforme os editores-convidados explicam na sua introdução, são seis ensaios que oferecem um mapa (necessariamente contingente e incompleto) de uma área de estudos em franco desenvolvimento que cruza os estudos fílmicos, a história do cinema e o vasto campo da ecocrítica, em busca de perspectivas “ecocinematográficas”. A capa usa uma sequência de imagens de Eadweard Muybridge (1830-1904), “Veados; macho e fêmea; trotando”, extraída de *Animal Locomotion. An Electro-Photographic Investigation of Consecutive Phases of Animal Movements 1872-1885*, impressa por Photogravure Company of New York, pertencente à colecção da Royal Academy of Arts (Nova Iorque), e disponível sob licença não-comercial da Creative Commons.

A secção de Ensaios apresenta um estudo, da autoria de Henrique Brazão, que aborda, de modo original e focando-se nas implicações da cor para a linguagem audiovisual, os efeitos do uso do azul nas curtas-metragens *Ten, Mitake* (1995), de Naomi Kawase, e *Blue Diary* (1997), de Jenni Olson. Já a secção de Entrevistas inclui o trabalho de Lúcia Monteiro, Pablo Gonçalo e Victor Cruzeiro, numa conversa com Tom Gunning, um dos historiadores de cinema mais influentes das últimas décadas que conta com um importante corpo de pesquisa sobre a obra de D.W. Griffith e o chamado “primeiro cinema”. Propomos, ainda, a entrevista de Cátia Beato à directora de som belga Yanna Soentjens, que trabalhou, entre outros nomes de relevo do cinema europeu e norte-americano, com Lukas Dhont (*Girl*, de 2018, e *Close*, de 2022) e Darius Marder (*Sound of Metal*, 2019).

As Recensões abrem com um texto de Graça Proença Corrêa sobre o livro *Ambiguous Cinema: From Simone de Beauvoir to Feminist Film-Phenomenology*, de Kelly Fuery, uma análise fenomenológica de filmes contemporâneos feitos por realizadoras independentes à luz de

conceitos feministas. Segundo Corrêa, a autora consegue demonstrar, de forma convincente, como a ética existencial e o conceito de ambiguidade de Simone Beauvoir podem contribuir para o estudo da estética e da experiência cinematográfica. Mónica Santana Baptista considera, no texto seguinte, que a coletânea *Realizadoras Portuguesas: Cinema no Feminino na Era Contemporânea* é fundamental para dar visibilidade ao cinema feminino nacional. Baptista acrescenta, porém, que se trata ainda de um primeiro passo, na medida em que se omitem importantes obras e, sobretudo realizadoras, como Margarida Cordeiro, Manuela Serra, Luísa Homem e Leonor Noivo, entre outras. Escrevendo sobre *Figurinos e Figurinistas no Cinema em Portugal: Conceitos para Novas Materialidades*, de Caterina Cucinotta, Felipe Muanis observa que a autora apresenta uma leitura de filmes importantes de diferentes épocas da cinematografia portuguesa, através da análise fílmica e depoimentos de figurinistas e diretores de arte, sem deixar de destacar as transformações destes ofícios no panorama nacional. Muanis conclui que este pequeno livro é um primeiro, mas necessário ensaio, para o estudo da direção de arte, da cenografia e do desenho de figurino no cinema português. Na recensão seguinte, Morgana Gama reconhece que a obra *Teoria de Cineastas: A Busca por Perspectivas Globais* reúne uma série de agentes atuantes em diferentes contextos culturais, mas aponta também a total ausência de diretores do Sul Global, o que, segundo a autora, acaba por limitar a proposta inovadora dos editores. Por sua vez, Jorge Palinhos recenseia o livro *100 Melhores Planos do Cinema – 100 Autores, 100 Planos*, que oferece uma visão panorâmica do cinema através de textos que se focam na sua unidade mínima, o plano, dessa forma contribuindo para dar visibilidade à diversidade de autores, tanto dos estudos fílmicos, como da cinefilia portuguesa contemporânea. Finalmente, Cátia Gonçalves recomenda a leitura de *Trading Zones: Camera Work in Artistic and Ethnographic Research*, em que o cinema é apresentado como um espaço sem fronteiras e uma ferramenta para a investigação artística e antropológica.

A secção de Exposições e Festivais de Cinema conta, nesta edição, com dois textos. O primeiro, da autoria de Laís Lara, proporciona uma leitura da exposição “Caleidoscópio: Cotidiano em Movimento”, patente no Centro Cultural dos Correios do Rio de Janeiro entre o final de 2023 e início de 2024. Tendo como ponto de partida alguns trabalhos que integraram a exposição referida, a autora propõe uma reflexão sobre o exercício de curadoria e de práticas próprias da vídeo arte a partir dos campos do cinema expandido e das artes visuais. O segundo texto, da

autoria de Francisca Dores, debruça-se sobre o ciclo “Se o Cinema é uma Arma”, apresentado no Batalha Centro de Cinema, na Primavera de 2024. Para além de evidenciar o novo espaço dedicado ao cinema na cidade do Porto, a programação, analisada através de uma perspetiva pós-colonialista, serve como ponto de partida para uma reflexão sobre identidade, poder e resistência. Chegamos a este último número com o sentimento de dever cumprido e a sensação de que contribuimos de forma positiva para uma descentralização (possível) da crítica artística, que habitualmente se cinge às grandes capitais, procurando um equilíbrio entre diferentes latitudes, a nível nacional e internacional. Obrigado aos autores e às autoras que contribuíram para esta secção de forma entusiasmada e dedicada.

Terminamos com uma nota de pesar sobre o falecimento, em Agosto do ano passado, de Patricia R. Zimmermann (Ithaca College, EUA), que, uns meses antes, aceitara com entusiasmo, e para nossa grande honra, o convite para integrar o Conselho Consultivo da *Aniki*.¹ Zimmermann apoiou arquivos e eventos (académicos ou de divulgação alargada) de cinema amador, alternativo e comunitário, tais como o Visible Evidence, o Home Movie Day, o Orphan Film Symposium, e o Flaherty Seminar. Sobre este último escreveu, na secção de Exposições e Festivais de Cinema da *Aniki*, um texto que vale a pena voltar a ler, hoje e sempre (Zimmermann 2018). O seu trabalho permanece um exemplo e uma inspiração no campo de estudos da imagem em movimento.

Referências

Sampaio, Sofia, Lopes, Rui, Horta, Arlindo, Brás, Patrícia Sequeira, Fernandes, Tiago. 2024. “Editorial V11n1”, *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento* 11(1): 1-4.

Zimmermann, Patricia R. 2018. “Recensão crítica do 63º Annual Robert Flaherty Film Seminar, decorrido na Colgate University, Estados Unidos da América, no final de junho de 2017”. *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento* 5(1): 192-205.

¹ A nomeação de Zimmermann foi anunciada pela sua universidade e pode ser consultada aqui: <https://www.ithaca.edu/intercom/2023-03-07-patricia-zimmermann-appointed-international-editorial-board-aniki> (último acesso a 15 de Julho de 2024).